

O gato se acalmou pouco a pouco e pulou para cima da cátedra, onde lambeu o pelo revoltado e bagunçado, deixando-o muito limpo e liso.

- Não vale a pena ser gente, pensou, nós, gatos, somos um povo nobre.

Em seguida, esticou seu flexível corpo de gato como se o libertasse, ronronou, espreguiçou-se e abandonou a universidade com a cauda empinada.

Seu dono, o poeta, quando o viu retornar, ficou contente e perdoou com gosto suas travessuras.

Em uma noite, quando ambos estavam sozinhos, o gato lhe contou sua aventura, e o poeta a escreveu como advertência para todos os outros gatos ambiciosos.

Se vocês quiserem ver o gato erudito, visitem a Rua do Moinho, número 3. Lá fica ele sentado sobre as plantas do telhado, conversando com a sua vizinha, a gata branca.

Tradução de Vinícius Heinrich

Menino sol

Crianças! Vocês não podem me atormentar exigindo sempre novas histórias! Prestem atenção: minha arvorezinha de histórias, aquela que fica lá no pátio; a pequena nogueira conhecida de vocês, vai ficar furiosa, se eu for sempre lá. E, pelo amor de Deus, eu não posso deixá-la zangada. Porque se uma árvore de histórias como essa ficar zangada, pode ficar muito doente. As folhas ficam murchas e todas as borboletas azuis, assim como os passarinhos vermelhos e amarelos que vão visitar a árvore, vão se assustar e fugir. Apenas aranhas e lagartas vão passear pela árvore. Então podem imaginar que as histórias e contos de fadas que caem da árvore serão igualmente feias e zangadas. Tão feias que nem podem ser contadas. Por isso, pequenos e grandes tagarelinhas, esperem até eu começar com “*era uma vez*”. Aí as cerejas estarão maduras e recém colhidas da árvore, deliciosas. Mas para que vocês não saiam hoje de mãos abanando, vou contar de onde vem a bonita árvore e porque gosto tanto dela.

Meu irmão Karl completara 10 anos e foi enviado para o ginásio, na cidade. Eu estava totalmente sozinha na nossa silenciosa casa paroquial. Meu irmãozinho que era tão bom para mim e ótimo para se brincar, estava longe. Eu andava perdida por aí. Nenhum brinquedo me animava; até mesmo com o Sentinela, nosso cachorro, eu não me entendia mais. Meus pais observaram isso por uns dias, não diziam nada e faziam de tudo por mim. Mas depois de uma semana sem melhorar, meu pai me segurou e disse que eu já estava crescida demais para ficar desse jeito. Eu deveria ler e estudar para não ficar mais burra que o Karl e para ele ficar contente quando voltar para casa nas férias; eu deveria bordar uma bela bolsa para suas escovas e pentes, coisa que minha mãezinha já tinha providenciado.

Em um primeiro instante, fiquei paralisada feito um pedaço de pau, sem dizer uma palavra; tinha um nó na garganta. Depois comecei a soluçar, dei meia volta,

saí de perto do meu pai; afastei-me da casa, seguindo pela rua do povoado até me encontrar no meio do campo. Lá no estreito caminho estava a grande faia vermelha, brilhante como o fogo; lá onde não havia pessoas e onde cresciam apenas as flores azuis das escovinhas e a alfafa colorida. Lá eu poderia ficar jogada no chão, furiosa, conforme pedia meu coração. Pois era assim que eu estava. Eu não queria bordar nenhuma bolsa para Karl; não queria me comportar bem para o meu pai; não queria nada, apenas ficar deitada no sol e chorar.

O sol deveria estar forte e devo logo ter caído no sono. Quando acordei, tinha um belo rapaz magro na minha frente; ele tinha um ramo de folhas de nogueira na mão fazendo sombra no meu rosto. Eu dei um pulo e fiquei com os olhos esbugalhados.

- Quem é você? De onde você veio?

Ele me olhava de maneira simpática, dizendo:

- Eu sou o Menino Sol, sei que você não tem ninguém para brincar e por isso eu vim, para brincar contigo.

Abanando o ramo de folhas no ar, surgiram grandes borboletas de todos os lados: azuis, amarelas e vermelhas, que pousavam na faia vermelha. O Menino Sol cantou:

*Passarinhos do Sol dançam ciranda
Sobre os galhos,
Sobre o centeio.*

Nisso as borboletas esvoaçavam no ar, formando fileiras conforme sua cor. As fileiras voavam umas sobre as outras, cruzando no ar quando o Menino Sol mexia os ramos; círculos se formavam e estrelas de borboletas batiam as asas num mesmo ritmo, abrindo e fechando num enorme círculo dançante que, finalmente, nos envolveu. Vocês não têm idéia de como era agradável! Então o Menino Sol balançou mais uma vez os ramos e as borboletas baixaram suas antenas como um sinal de adeus, voando em seguida sobre o campo. O Menino Sol estendeu os ramos novamente e cantou:

*Alminhas de elfos,
Raiozinhos de sol,
venham, com vocês eu quero brincar!*

Então centenas de pequenos raios dourados caíram sobre os ramos de folhas. O Menino Sol começou a brincar de jogar a bola pro alto e pegar. Ele jogava de maneira tão habilidosa a bola para o alto e para os lados que pareciam raios nos circulando, tão claros que ofuscavam a visão. Finalmente ele estava com todos na mão e começou a construir objetos com eles. Lindas torres cresciam diante dos olhos, pontes sobre águas brilhantes, jardins dourados com chafari-

zes e flores douradas. Eu estava encantada, segurei o Menino Sol no pescoço e dei um beijo nele. Mas ele jogou os raios de sol de volta ao ar, onde eles sumiram como névoa.

- Espere, agora vamos brincar de pegar, disse ele, me entregando uma das grandes folhas de nogueira.

Foi como se eu não tivesse mais os pés; eu andava sobre as espigas sem pisar nelas, podia subir nas árvores sem escalar. Aos gritos, eu tentava pegar o Menino Sol, mas ele era mais rápido que eu; sempre quando pensava que ia alcançá-lo, ele já estava longe, rindo de mim com seus olhos azuis. Finalmente, acho que ele deixou-se capturar e eu o segurei. Ofegantes e risonhos nos sentamos numa pedra com as mãos nos ombros e descansamos. Ao redor floriam as escovinhas e a papoula selvagem; fiz uma coroa para o Menino Sol e fiquei contente por combinar com seu belo cabelo loiro.

- Vamos dar uma volta de trem ainda? perguntou ele.

Quando eu olhei, ele cantou:

*Aranhazinhas, feito o vento,
tramem um trenzinho
para o Menino Solzinho*

Então centenas de aranhas vieram rastejantes e, antes que eu me desse conta, pequenos trilhos pularam no ar e uma pequena locomotiva feita de cascas de nozes surgiu rapidamente.

- Não tenha medo, sorriu o Menino Sol, meu veículo é seguro.

E quando ele me tocou com o ramo de folhas, ficamos do tamanho de formiguinhas. A seguir, andávamos feito um raio sobre florestas e lagos, cidades que pareciam casinhas de bonecas espalhadas pelo mundo. Ao passar pela lua, ela arregalou os olhos e chamou:

- Vocês não querem ir para cama, mocinhos?

Sem dar atenção, desviamos dela e seguimos até o mar. Lá observamos em silêncio como as grandes ondas vinham sobre a praia e voltavam, sempre de novo, sempre de novo, e escutávamos o barulho que vinha de longe e mesmo assim parecia próximo.

Quando íamos para casa segurei a mão do Menino Sol e perguntei:

- Você não quer ficar comigo? Eu gosto tanto de ti, mais do que meu irmão Karl; venha comigo, minha mãe também vai ficar contente, você pode dormir na cama do Karl, e quando terminarmos o trabalho, poderemos brincar juntos.

O Menino Sol acariciou minhas bochechas, me beijou e disse:

- Não, mocinha, assim como gosto de ti, também gosto de todas as outras crianças; e quando elas estão muito tristes, venho e brinco com elas. Sabe aonde vou amanhã?

- Ver o Karl, com certeza ver o Karl, disse eu.

-Sim, isso mesmo, pobre garoto! Ele também deve estar angustiado por causa da irmã, e pense que você ainda tem sua mãezinha, teu querido pai e o Sentinela; mas ele não tem ninguém: está rodeado de pessoas desconhecidas com as quais ele ainda tem que se acostumar.

Meu coração parou quando o menino Sol disse isso para mim. Certamente eu não queria mais ser tão mal educada quanto fui hoje ao meio dia, e assim que voltasse para casa iria começar a bordar para o Karl. Quando saímos do trenzinho e estávamos ao lado da faixa vermelha, o Menino Sol me disse adeus. Eu o olhava com um olhar triste.

-Você não vai voltar nunca mais e brincar comigo?

-Talvez, disse ele, talvez; mas porque você tem lindos olhos castanhos e gosta tanto de brincar com seu irmão, coisa que poucas crianças fazem, vou te dar um presente.

Ele pegou um dos galhos do ramo e plantou na terra.

-Leve junto para onde fores, disse ele e me beijou.

Então ele se foi silenciosamente sobre o campo, no meio do sol poente que brilhava no céu como uma grande flor vermelha.

Quando tirei o ramo da terra, ele tinha raízes que plantei no nosso jardim e lá cresceu.

Então, crianças, foi assim que cheguei à minha árvore de histórias que me conta e canta todas essas lindas histórias. Quando estou triste, me sento debaixo dos seus galhos e as borboletas azuis e os passarinhos coloridos aparecem, tentando me distrair os pensamentos. Quando isso não funciona, fecho os olhos. Então eu vejo o Menino Sol e sua beleza diante de mim, escuto sua voz carinhosa e lembro-me de todas as brincadeiras maravilhosas que fazíamos. Assim toda a tristeza desaparece, fazendo o sol brilhar através das nuvens mais grossas.

Se me visitarem nesses dias, brinco tanto quanto vocês quiserem. Mas novas histórias?! De jeito nenhum, não posso contar sempre que quiserem!

Tradução de Cristiano Kunst

A flor de Cristo

Ela é muito solitária, esta flor que vai ser o assunto da história de hoje. Ela não conhece os dias felizes da primavera ou as noites perfumadas do verão. Não tem amigas que cresçam e conversem baixinho a seu lado e nenhum pássaro canta para ela em seus sonhos. A neve e o gelo são tudo o que seus olhos vêem; o vento frio do norte a acaricia e o canto monótono dos corvos é sua música.

No entanto, ela é branca e delicada como uma de suas irmãs. Cresce altiva em uma coroa de folhas verdes e seu cálice fundo guarda os segredos das flores. Ela nem sente as dores do inverno! É serena e orgulhosa de sua força. Sabe que é privilegiada: única flor que floresce no inverno, a única que pode celebrar o Natal com os moradores da terra. Diga-me, irmã do lírio, o que te chamou à vida no inverno? O que te deu forças para enfrentar o frio e a tempestade? Porque não dormes em paz na terra?

As folhas sussurram melodias e acordes, murmuram e sussurram, ouço sílabas, palavras- e agora vou contar a história para vocês.

É dia de Finados. No caminho para o cemitério vai um grupo silencioso de pessoas com roupas escuras. Carregam coroas para os mortos, feitas de galhos de pinheiros, flores secas, carvalhos sempre verdes e galhos com pequenas frutas vermelhas.

Andam em silêncio, como se pensassem nos tempos passados ou sonhassem esperando claridade para o futuro. O último deles é um menino pequeno que carrega uma cruz verde de madeira no ombro, carga pesada para o corpo jovem!

É uma cruz simples, rústica, sequer foi lixada. Mas o menino a olhava com carinho, provavelmente foram as mãos dele, inexperientes, que trabalharam a madeira.

O sino da capela mortuária toca e a triste procissão entra pelo portal. Um leve sopro de vento os acompanha, são os anjos dos mortos que seguem invisíveis o cortejo. No caminho principal, os visitantes dos mortos se dividem sem fazer